

África Antiga: um enfoque histórico/historiográfico do relato “O conto do náufrago”

Ancient Africa: a historical/historiographic approach to the “The tale of the Shipwrecked Sailor”

Margaret M. Bakos*

Resumo: O presente artigo propõe-se a refletir sobre a função desempenhada pelo escriba na sociedade egípcia antiga, bem como sobre as características e formas de organização das relações humanas no contexto africano da época, tal como são configuradas no *Conto do náufrago*, questões essas ainda pouco trabalhadas pela historiografia de língua portuguesa sobre o tema. Examina, na sequência, quatro artigos produzidos em língua portuguesa sobre o tema.

Abstract: This paper aims to analyse the role played by the scribe in the ancient Egyptian society, as well as the characteristics and forms of organization of human relations in the African context at the time, as configured in the “The tale of the Shipwrecked Sailor”. These issues are still poorly explored in the historiography in Portuguese. Therefore, this paper comments four texts, written in Portuguese, on the subject.

Palavras-chave:

Conto do Náufrago;
Sociedade egípcia;
Historiografia.

Keywords:

The Tale of the
Shipwrecked Sailor;
Egyptian Society;
Historiography.

Recebido em: 01/10/2017
Aprovado em: 02/12/2017

* Professora Adjunta aposentada do Departamento de História da UFRGS e professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Possui pós-doutorado em Egptologia (University College London) e doutorado em História (USP). É bolsista de Produtividade do CNPq e bolsista da Fundação Araucária.

Considerações iniciais

O presente artigo propõe-se a refletir sobre a função desempenhada pelo escriba na sociedade egípcia antiga, bem como sobre as características e formas de organização das relações humanas no contexto africano da época, tal como são configuradas no *Conto do naufrago*, questões essas ainda pouco elaboradas pela historiografia de língua portuguesa.

As publicações contemporâneas sobre a literatura egípcia passam batido sobre esses temas, conferindo maior ênfase à própria narrativa dos fatos e preocupando-se, prioritariamente, com os aspectos linguísticos referentes à tradução dos textos hieroglíficos para o português.

Na sequência da reflexão aqui desenvolvida, procura-se articular a bibliografia brasileira sobre o tema com a produzida por autores portugueses, pois, sem dúvida, a partilha de uma língua comum possibilita mais facilmente a troca e aprofundamento dos conhecimentos.

Nessa perspectiva há, pelo menos, quatro artigos atuais que examinam o conto em estudo, redigidos em língua portuguesa, a serem discutidos a seguir, por ordem cronológica de publicação.

Publicações sobre o tema em língua portuguesa

As quatro publicações apresentadas na sequência abordam o texto egípcio *Conto do naufrago* sob diferentes perspectivas. São elas:

- CARDOSO, Ciro Flamarion. Escrita, sistema canônico e literatura do antigo Egito. In: BAKOS, M. M.; POZZER, K. (Org.). *Anais da III Jornada do Antigo Egito*. Porto Alegre: PUC-RS, 1998, p. 95-144.

O texto de Ciro Flamarion Cardoso, intitulado *Escrita, sistema canônico e literatura do antigo Egito*, surpreendeu e emocionou o meio acadêmico brasileiro. Os leitores folhearam encantados as cinquenta páginas nas quais Ciro Cardoso registrou, em hieroglifos e em português, o *Conto do naufrago*, popularizando no país uma tradução erudita da língua egípcia sobre o tema.

Em seu artigo, contendo a análise de dois textos clássicos da literatura egípcia, Cardoso examina inúmeras questões relativas ao contexto político, militar e econômico do antigo Egito, destacando a diferença de tratamento conferida pelos escribas egípcios

aos povos com quem entravam em contato: aos palestinos, no caso do *Conto de Senehet*, também conhecido como Sinuhe; e aos habitantes do "País de Punt", altamente mitificado no caso do náufrago. O autor explica que, à época da redação desses contos, início do Reino Médio, o Egito voltara a intervir para além de suas fronteiras. Ciro Cardoso (1998, p. 108-109) diz textualmente:

O contraste deriva, em minha opinião, de um fato simples: a Palestina constituía um perigo eventual para o Egito e, ao mesmo tempo, abria-lhe possibilidades de intervenção contínua e mais direta; o país de Punt, não: por sua distância e pelas condições em que podia ser atingido, com grande dificuldade, os egípcios nunca tiveram o desejo ou a possibilidade de maior penetração na região, cujos habitantes por outro lado não podiam ameaçar o Egito. Assim, a visão dos habitantes de Punt e do próprio país sempre foi positiva (além de idealizada e imprecisa) nos escritos egípcios, enquanto o mesmo não se pode dizer daquela que esses escritos transmitem acerca dos semitas da Palestina).

O autor recupera a história do *Papiro Ermitage 1115*, relacionando-a com as primeiras narrativas orais. Considera que:

[...] a matriz de toda a literatura e que se manifesta em *O náufrago* de duas maneiras, executadas pelos escribas:

- 1) na presença de fórmulas verbais reiteradas (é assim que, por exemplo, a atitude do náufrago para manifestar respeito à serpente divina reitera-se, com as mesmas palavras ou com pouca variação, diversas vezes);
- 2) na longa repetição narrativa no episódio da tempestade (linha 12-19, retomada com poucas mudanças na linha 43-52), além de outras repetições (assim, na profecia do dragão) [Cardoso usa a palavra e a simbologia do dragão para serpente]; relativa ao futuro de seu hóspede, aparece quatro vezes, com variações, mas numa mesma fórmula geral derivada da literatura sapiencial na modalidade dos "ensinamentos" (CARDOSO, 1998, p. 136-137).

Em seu trabalho, Cardoso, inspirado na metodologia marxista, apresenta uma análise bastante cuidadosa e didática da estrutura do conto em estudo, na esteira de Tzvetan Todorov, destacando sua extrema sofisticação no que concerne à sintaxe narrativa. Segundo Cardoso, o conto articula "uma história, dentro de outra história, configurando três sequências narrativas de importância e desenvolvimento desiguais" (CARDOSO, 1998, p. 137).

O conto, escrito no Primeiro Período Intermediário (2181-2040 a.C.), atingiu, provavelmente, um grupo muito maior de leitores, havendo ultrapassado "pela primeira vez os limites do grupo dominante central e provincial" (CARDOSO, 1998, p. 103). Assim, embora inexistem registros, pode-se pensar que o número de pessoas que tomou contato com este texto tenha sido surpreendente.

Data dessa época, séculos XII ou XIII a.C., explica Cardoso (1998, p. 104), pelo menos mais um texto conhecido, que exalta o desempenho dos autores, nele considerado como a única forma humana possível de imortalidade, o que surpreende, pois contrapõe-se às crenças funerárias então difundidas:

O homem decai, seu corpo é pó
Todo o seu parentesco pereceu
Mas um livro faz com que ele seja lembrado
Através da boca de quem o recita
Um livro é bem melhor do que uma casa bem construída
Do que uma capela funerária na necrópole;
Melhor do que uma sólida mansão
Do que uma estela no templo.

Embora não se tenham, afora seu nome, Amenáa, informações sobre o escriba que redigiu o *Conto do naufrago*, considerando a ideologia da corte e dos membros letrados a ela próximos, acredita-se que eles, sem dúvida, apoiariam a atitude confiante do protagonista da narrativa em detrimento daquela, mais cínica e desesperançada, do comandante. Mas esse comportamento revela um outro tipo de intertextualidade contraída pelo *Conto do Naufrago* – aquela em relação aos textos sapienciais, as famosas *lamentações*, que, embora adotem outro percurso, defendem os mesmos princípios e ideais. Daí a fala final do colofon, que Ymenaá, filho de Ymeni, rubrica!

- BRANCAGLION JR., Antônio. O conto do naufrago. Papiro Ermitage 1115. *Tiraz*, n. 3, p. 161-191, 2006.

Dando prosseguimento ao levantamento das publicações sobre o tema, registra-se o aparecimento, em 2006, do artigo de trinta páginas *O conto do naufrago. Papiro Ermitage 1115*, de autoria de Brancaglioni Jr., diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que não contém a tradução em hieróglifos.

Brancaglioni Jr. (2006) inicia seu texto afirmando que o *Conto do naufrago* já fora objeto de um grande número de estudos e traduções que levantam questões bastante interessantes, das quais ele se propõe a fazer uma breve síntese.

O autor destaca que se tem atribuído ao conto uma origem folclórica devido à sua narrativa direta eivada com frequentes repetições, de expressões cotidianas e mesmo de passagens inteiras já conhecidas, bem como a presença de personagens não nomeadas, o que o torna semelhante àqueles relatos de tradição oral. Contudo, o uso no texto da primeira pessoa não faz parte da forma tradicional de tratamento das narrativas folclóricas ou míticas.

Brancaglion Jr (2006, p. 163) ressalta ainda que o objetivo de sua publicação:

[...] não é o de apresentar todas as hipóteses a respeito do Conto do naufrago, muito menos tentar esclarecer todas as dúvidas surgidas em traduções anteriores, mas apresentar o conto em sua totalidade – hieróglifos, transliteração e tradução – como forma de incentivar e ampliar os estudos de literatura e de língua egípcias ainda tão escassos em português.

Para alguns, sugere Brancaglion (2006), o conto seria uma narrativa complexa, com referências cósmicas, colocando o naufrago como um viajante no tempo e no espaço, em contato com o deus primordial Atum-Rê na forma demiúrgica de uma serpente, que apresenta uma visão moral do fim do mundo. Da mesma forma, a ilha seria o próprio mundo cercado pelo Oceano Primordial, e a filha mais jovem da serpente, Maat.

Na perspectiva do autor, o *Conto do naufrago* emprega alguns termos cujos sentidos permanecem ainda indefinidos. Um deles diz respeito à denominação *Grande verde*, identificado por alguns egiptólogos com o Mar Mediterrâneo e, por outros, com o Mar Vermelho. Mas, talvez, a expressão sugere, simplesmente, e faça referência a um grande volume de águas, podendo dizer respeito a qualquer um desses mares, ou mesmo ao rio Nilo. Uma outra discussão diz respeito à localização de Punt, do qual a serpente é o senhor. Atualmente, denomina-se Punt a região que vai da costa do Sudão e Eritreia até o interior, em direção ao Nilo e ao rio Atbara. Entretanto, no *Conto do naufrago*, como em outros textos, Punt parece simplesmente fazer referência às terras situadas ao sul do Egito. O mais célebre relato de uma expedição a Punt é o da rainha Hatshepsut, gravado nas paredes de seu templo, em Deir el-Bahari.

Também a denominação Ilha do Ká atualiza algumas questões interessantes. O conceito de *ká*, bastante conhecido pelos egiptólogos, traduz sentidos de *força vital e energia criadora supra-individual e invisível*, que nasce com o homem e o sustenta durante a vida e após a morte. *Ir a seu ká* significa morrer e unir-se aos ancestrais. Essas ideias fizeram com que a expressão fosse interpretada como *ilha fantasma*, ou *ilha do duplo*, na qual habitavam os espíritos dos bem-aventurados. Não se pode, contudo, descartar a possibilidade de se tratar de uma *ilha fantástica*, um local exuberante e paradisíaco, onde a vida e as riquezas seriam abundantes.

Como se pode perceber, a leitura do conto pode ser feita em diferentes níveis de interpretação, ficando essa na dependência dos sentidos a ele atribuídos pelo leitor em contato com o texto.

- ALMEIDA, Catarina. O conto do naufrago dos antigos egípcios: notas de leitura sobre um estudo português do início do século XX. *Cadmo*, n. 22, p. 247-255, 2011.

Em 2011, Catarina Almeida, professora na Universidade de Lisboa, publicou um texto de nove páginas, intitulado *O conto do naufrago dos antigos egípcios: notas de leitura sobre um estudo português do início do século XX*, com o objetivo – palavras dela – “de visitar um ensaio do início do século XX, produzido por Francisco Esteves Pereira” (ALMEIDA, 2011, p. 247).

À guisa de apresentação de Francisco Esteves Pereira (n. Miranda do Douro), Catarina Almeida informa que descobriu seu texto sobre o naufrago lendo a conhecida *História do antigo Egito*, obra originalmente publicada em 1882, com o título de *Contos populares do antigo Egito*, de Gaston Maspero (1846-1916), notável egiptólogo francês, professor de Egiptologia, Filologia e Arqueologia do Collège de France.

Catarina Almeida foi, então, em busca de Esteves e descobriu que, além de oficial de Engenharia, ele havia tido destaque nos estudos orientalistas portugueses, havendo participado de várias das reuniões periódicas do Congresso Internacional dos Orientalistas, nas quais aportou contribuições relevantes aos estudos da literatura egípcia antiga.

O trabalho analisado por Catarina, intitulado *O naufrago: conto egípcio*, foi publicado no número 48 da *Revista do Instituto da Universidade de Coimbra*, em 1901.

Segundo Almeida (2011, p. 248), Francisco Esteves Pereira, estudioso de hebraico, árabe e sânscrito, especializou-se em etíope, havendo produzido notáveis pesquisas até sua morte, em 1924. Seu objetivo era fazer ciência e não arte. Assim, a partir de seus estudos autodidatas e de contatos nos meios orientalistas, ele traduziu o conto *O naufrago*, caracterizando seu autor como um escriba de linguagem clara, simples, mas muito elegante.

Francisco Esteves Pereira (1901) inicia a apresentação da narrativa do naufrago, destacando a notável preocupação de seu autor com a geografia e com a etnografia. Citando Golenischeff, responsável pela condução do papiro ao Museu Hermitage e por sua apresentação em um fórum de orientalistas, em 1880, Esteves Pereira (1901, p. 72) afirma que a narrativa foi adotada e vulgarizada pelos gregos na *Odisseia*, e pelos árabes nas *Mil e uma noites*.

Ele identifica o texto do conto como pertencente à XII dinastia. Já quanto à localização da ilha da Ká, conforme Catarina Almeida (2011, p. 250), ele compartilha com Maspero a posição de que “a idéia da ilha de Ká como uma espécie de ilha afortunada”.

Esteves Pereira (1901, p. 76), na esteira de Golenischeff, aposta na existência de uma narrativa ainda mais antiga que teria dado origem ao *Conto do naufrago*, e, posteriormente, à *Odisseia* e à *Primeira viagem de Sindbad*.

Ao articular esses povos, permite entrever o esteio etnocêntrico de uma perspectiva de evolução única e de progresso contínuo, segundo Campos Matos, tendo a Europa como centro, que faz deslocar o pêndulo do argumento para os eventuais contatos com Fenícios,

entendidos por Pereira Neves, no parágrafo de abertura, como um dos povos mais célebres da antiguidade. Portanto, o texto Egípcio torna-se por esta via de súbito interesse para a História do comércio, que se constituía como o grande motor econômico do mundo europeu colonial. De fato, parece haver uma maior preocupação em justificar o Punt como a sede dos fenícios do que em procurar compreender a civilização egípcia em si.

Em suas conclusões, Almeida (2011) explica que a consolidação das instituições com uma vertente orientalista coincide com o período de maior expansão europeia e de domínio colonial, indo do século XIX até a Primeira Guerra Mundial. Ela lembra que o domínio colonial europeu não se restringe apenas ao âmbito territorial ou financeiro, mas se refere também ao domínio intelectual das informações e valores adquiridos, fixados e partilhados.

O texto finaliza com a apresentação da tradução do *Conto do naufrago*, realizada por Esteves Pereira (1901), a partir dos textos de Golenischeff, Maspero e Petrie, sendo o primeiro aquele que ele julga ser o melhor.

- CANHÃO, Telo Ferreira. *O conto do naufrago: um olhar sobre o Império Médio egípcio. Análise histórico-filológica*. Lisboa: Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.

O texto de Canhão (2012, p. 6-10), investigador do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, propõe-se a realizar uma análise dos dados históricos e geográficos referidos no conto, da imagética geográfica de enquadramento do naufrágio e de sua plausibilidade histórica. O autor investe, de forma especial, na definição do conceito da expressão *Grande verde*. Trata-se de uma análise de caráter hermenêutico que se concentra na figura da serpente e na catástrofe que ela própria, a serpente deus, relata ter sido vítima, referência que equivale a um naufrágio cósmico ou metafísico, que havia atingido seu grupo familiar.

O texto inicia com sua tradução do *Conto do naufrago* para a língua portuguesa, mas sem a versão em hieróglifos, que o autor informa encontrar-se, atualmente, no Museu Puskin de Moscovo. Ele refere a classificação feita por Lefèvre (1879-1957) do Naufrago como participante dos chamados contos maravilhosos, com a qual concorda, porque:

[...] o maravilhoso é praticamente inseparável de todos os contos egípcios. Corrobora a ideia consensual de que não existe, na época que o conto foi escrito, uma literatura de lazer. Os textos tinham uma componente didática, sendo também utilizados como materiais de formação do escriba, não só do ponto de vista caligráfico, gramatical e vocabular, mas também do ponto de vista da formação pessoal através da abordagem dos temas (CANHAO, 2012, p. 25).

Em relação às questões já referidas, que interessam particularmente à investigação em curso, este texto, de notável erudição, traz contribuições relevantes, tais como as encontradas na página 58, na introdução e na conclusão, cujo tom é *sapiencial*. No primeiro caso, é apresentado um comandante com medo de ser punido,

[...] a quem o excelente companheiro diz 'Sossega o teu coração comandante!', aparentemente indo-lhe contar algo para o animar. Depois, quando o 'excelente companheiro' diz "Escuta-me, (ó), porque eu não exagero", faz um apelo ao equilíbrio, que continua com 'Fala o rei com toda a franqueza e responde sem balbuciar', porque 'A boca de um homem pode salvá-lo, o seu discurso pode fazer com que o perdoem' (CANHAO, 2012, p. 59).

Na sequência, Canhão (2012, p. 59), com propriedade, refere que:

O tom sapiencial transforma-se em ideologia e estamos perante a ideia geral de ordem social que foi idealizada sobre os princípios da auto regulação que premiavam os cumpridores e castigavam os transgressores, sendo a paz social a recompensa de quem respeitava a ordem estabelecida e cumpria as regras da instituição que a regulava: a maat, literalmente 'aquela que a guia'.

O conto, na opinião de Canhão (2012), fala de um traço marcante no relacionamento entre as pessoas daquela época, fortemente assinalado no texto: a relevância da capacidade de ouvir. Segundo Canhão (2012, p. 60), que cita Assmann (1999), a narrativa enfatiza que "um homem, para viver bem, depende de uma boa escuta". Ainda sobre as relações interpessoais, Canhão (2012, p. 19) confere destaque ao pedido da serpente para o naufrago na hora da partida: "Faz um bom nome na tua cidade! Olha, é (tudo) o que peço que faças por mim".

Canhão ressalta também a possibilidade de se analisar o caráter esotérico do conto, que evoca uma realidade na qual se misturam o real e o fantástico, na tentativa de defender e justificar a crença na onipotência do demiurgo, frente à presença do mal no mundo. São suas palavras: "Acima de tudo, considere-se que neste tema teremos sempre presentes as palavras de Hornung: é possível ocupar-nos do exoterismo cientificamente!" (CANHÃO, 2012, p. 72).

Para finalizar, fixa sua atenção na maneira como o texto traduz a visão do escriba Ymenáa, filho de Imeny, que assina o conto, mas sobre o qual nenhum dos pesquisadores conseguiu indicar a origem – quem era ou de onde vinha.

O filho de Imeny, não obstante, deixa bem marcada sua simpatia pelos habitantes de Punt, representados pela serpente mágica. Ela, apesar de não ser humana, recebeu o naufrago com muita humanidade.

A relação que se estabelece entre a serpente e o náufrago se traduz por um diálogo de fácil compreensão, pois que coloquial, que demonstra de um lado o caráter orgulhoso e pretensioso do egípcio, quando ele reconhece a soberania da serpente face à sua condição de despossuído e dependente de ajuda. No momento em que a serpente lhe diz que já possui tudo o que ele oferece, não necessitando de retribuição em troca da ajuda, o náufrago percebe a sua soberba, e a situação então se inverte: ele assume uma posição de humildade. A relação torna-se mais íntima quando a serpente fala de seus infortúnios, referindo a perda de toda a sua família, e o leitor toma conhecimento, comovido, da filhinha que ele conseguiu por fazer uma prece. As perdas sofridas pelos dois são o ponto de partida para a construção de uma relação de identificação entre o náufrago e a serpente. É a serpente que o interpela a valorizar o futuro que tem pela frente: voltar a sua casa e rever a família é a maior felicidade que um homem pode almejar. Os valores que a serpente torna evidentes são tão importantes que o náufrago silencia, parecendo aceitar a situação vivenciada e mudando radicalmente sua postura inicial.

Alguns apontamentos

Cotejar esses textos que falam de um mesmo conto foi um exercício historiográfico muito instigante, relevante também como opção para a proposição de tarefas de sala de aula, pois essas diferentes perspectivas de análise, além de fazerem avançar o conhecimento, incentivam a pesquisa na *web*, proporcionando descobertas interessantes tanto para professores, como para alunos.

O conto surpreende quem lê hoje, assim como o fez em tempos distantes. Sua trama, que confronta diferentes culturas – de um lado, o Egito faraônico com um rei deus; de outro, um chefe tribal, representado por uma serpente, na aparência mágica e assustadora –, atualiza uma lição preciosa e profunda: a possibilidade sempre presente da inversão de papéis – aquele que comanda passa a ser o monstro escondido em uma ilha africana mágica, a quem o prepotente comandante egípcio fica submisso.

Por outro lado, este tipo de narrativa presta-se a abordagens pedagógicas em diferentes níveis e linguagens, podendo ser objeto de seminários, dramatizações, musicais e histórias em quadrinhos. As experiências com os alunos do primeiro nível de História da disciplina *História da Antiguidade Oriental* (PUCRS) resultaram inesquecíveis, razão pela qual se aceitou participar deste dossiê.

Tradução do Conto do naufrago para o português

Ymenaá, filho de Ymeny

Tradução de Ciro Flamarion Cardoso (1998, p. 110-112).

Disse então o fiel Companheiro [Real]:

- Possa esta notícia ser-te agradável, ó príncipe! Eis que chegamos ao lar. O malho foi tomado, a estaca de amarração foi fincada, a corda de proa, jogada a terra. Faz-se uma ação de graças, louva-se o deus. Cada homem está abraçando o seu companheiro. A nossa tripulação voltou sã e salva. Não houve perdas em nossa tropa. Nós atingimos os confins de Uauat, passamos pela [ilha de] Senmut; e eis que chegamos em paz: nossa terra, nós a alcançamos. Ouve-me tu pois, ó príncipe! Eu não costumo exagerar. Lava-te, derrame água sobre teus dedos, [para que] respondas quando te dirijam a palavra. Fala ao rei seguro de ti, pois a boca de um homem [pode] salvá-lo e as suas palavras, fazer com que seja perdoado.

Agirás segundo teu desejo. [Mas como] é cansativo falar-te [deste modo], vou, pois, relatar-te algo semelhante que aconteceu comigo mesmo.

Eu me dirigia à mina do soberano. Desci ao mar num barco de cento e vinte cúbitos de comprimento e quarenta cúbitos de largura. A bordo havia cento e vinte marinheiros, do escol do Egito. Vigiassem eles o céu, vigiassem eles a terra, o seu coração era mais corajoso do que [o dos] leões. Eles previam o vento tempestuoso antes que acontecesse, uma procela antes que ocorresse.

Desencadeou-se o vento de tempestade, quando estávamos em [alto] mar, antes que pudéssemos chegar à terra. Ao levantar-se o vento, ele fazia um rugido incessante: e lá estava uma vaga de oito cúbitos. Foi uma prancha que a procurou em meu proveito. Então o barco morreu. Dos que estavam a bordo, nenhum restou. Eu fui levado a uma ilha por uma onda do mar.

Passsei três dias sozinho, [com] meu coração como único companheiro. Eu me deitei no interior de uma cabana de madeira e abracei a sombra.

Então pus-me em movimento para verificar o que [pudesse] pôr na boca. Achei lá figos, uvas, toda espécie de legumes úteis: havia lá frutos de sicômoro com e sem entalhe e pepinos que pareciam cultivados; havia lá peixes e aves; nada havia que não houvesse naquele lugar. Então, eu me saciei e deposei no chão o que havia em demasia em meus braços. Depois que eu talhei um bastão para fazer fogo, acendi uma fogueira e fiz um holocausto aos deuses.

Ouvi, então, [um ruído semelhante a] uma trovoada, mas julguei [tratar-se da] onda do mar. Árvores se estavam quebrando, a terra tremia. [Quando] eu descobri o meu rosto, verifiquei ser um dragão que se aproximava. Ele tinha trinta cúbitos; sua barba, mais de dois cúbitos. O seu corpo tinha incrustações de ouro e as suas sobranceiras eram de lápis-lázuli verdadeiro. A frente de seu corpo estava dobrada.

Ele abriu a boca para falar-me, [enquanto] eu me punha de braços diante dele, e me disse: “– Quem te trouxe, quem te trouxe, homenzinho, quem te trouxe? Se demorares a dizer-me quem te trouxe a esta ilha, farei com que, quando dês por ti, estejas reduzido a cinzas, transformado em algo invisível”.

“– Tu me falas, mas eu não estou escutando isto [que dizes]: estou diante de ti sem sentidos”.

Ele então me pôs em sua boca e me levou à sua morada. Depositou-me no chão, intacto, estando eu inteiro e sem que parte alguma houvesse sido tirada de mim.

Ele abriu a boca para falar-me, [enquanto] eu me punha prostado diante dele. Ele então me disse: “– Quem te trouxe, quem te trouxe, homenzinho, a esta ilha do mar cujos dois lados estão na água?”. Eu então respondi ao que ele dissera, meus dois braços dobrados (respeitosamente) diante dele. Eu lhe disse:

“– Eu me dirigia a uma mina numa missão do soberano, num barco de cento e vinte cúbitos de comprimento e quarenta cúbitos de largura. A bordo havia cento e vinte marinheiros, do escol do Egito. Vigiassem eles o céu, vigiassem eles a terra, o seu coração era mais corajoso do que [o dos] leões. Eles previam o vento tempestuoso antes que acontecesse, uma procela antes que ocorresse. Cada um deles tinha mais coragem no coração e mais forte o braço do que o[s] [de] seu companheiro. Não havia tolos entre eles.

Desencadeou-se o vento de tempestade quando estávamos em [alto] mar, antes que pudéssemos chegar à terra. Ao levantar-se o vento, ele fazia um rugido incessante: e lá estava uma vaga de oito cúbitos! Foi uma prancha que a procurou em meu proveito. Então o barco morreu. Dos que estavam a bordo, nenhum restou, exceto eu: eis-me ao teu lado! Eu fui trazido a esta ilha por uma onda do mar”.

Ele então me disse:

“– Não temas, não temas, homenzinho! Não empalideça o teu rosto! Chegaste a mim porque um deus fez com que vivesses e te conduziu a esta Ilha do Espírito, na qual nada falta: ela está cheia de todas as coisas boas. Eis que passarás mês após mês, até completares quatro meses nesta ilha, [quando] um barco virá de [teu] país; nele estarão marinheiros que conheces, com os quais voltarás ao lar. Morrerás em tua cidade.

Quão feliz é aquele que relata o que experimentou, passada a calamidade! Vou relatar-te algo semelhante acontecido nesta ilha, na qual eu vivia com meus irmãos, entre

os quais havia crianças: totalizávamos setenta e cinco serpentes, entre meus filhos e meus irmãos; e nem te menciono uma pequena filha que obtive devido a uma prece.

Então uma estrela caiu, incendiando a todos consigo. Isto certamente aconteceu. Eu não estava com aqueles que se queimaram, não me achava entre eles. Eu poderia ter morrido por causa deles, ao encontrá-los numa única pilha de cadáveres!

Se fores bravo e controlares teu coração, apertarás em teus braços os teus filhos, beijarás a tua esposa e [re]verás a tua casa. Isto é melhor do que qualquer outra coisa! Atingirás o lar e viverás entre teus irmãos”.

Eu estava prostado de bruços e toquei [respeitosamente] o solo diante dele. Disse-lhe então:

“– Eu relatarei o teu poder ao soberano, farei com que saiba de tua grandeza. Far-te-ei enviar mirra, azeite sagrado, láudano e canela, [além de] incenso dos templos, agradável a todos os deuses. Contarei o que vi devido ao teu poder: [então] receberás agradecimentos na cidade, diante do Conselho de todo o país. Sacrificarei touros para ti em holocausto, torcerei para ti o pescoço de aves, far-te-ei enviar barcos carregados com todas as riquezas do Egito, como se deve fazer para um deus que ama os homens numa terra distante, desconhecida dos homens”.

Ele então riu-se de mim, daquilo que eu dissera – erroneamente, a seu ver – e me disse:

“– Não tens tanta mirra! [Mas] vais transformar-te em dono de incenso! Eu é que sou o governante de Punt: a mirra me pertence. E aquele azeite sagrado que falaste em trazer: ora, ele é abundante nesta ilha! O que de fato acontecerá [é que] te separarás deste lugar e jamais [re]verás esta ilha, que se transformará em água”.

O barco veio, como ele previra anteriormente. Eu então fui postar-me em cima de uma árvore alta e reconheci aqueles a bordo. Fui então relatar[-lhe] aquilo, mas descobri que ele já o sabia.

Ele então me disse:

“– Adeus, adeus, homenzinho! [Vai] para tua casa! [Re]verás os teus filhos. Faze-me um bom nome em tua cidade: eis o que me deves”.

Eu me pus de bruços, com os braços dobrados [respeitosamente] diante dele. Ele então me deu um carregamento de mirra, azeite sagrado, láudano, canela, árvores de especiarias, perfume, pintura negra para os olhos, caudas de girafa, grandes torrões de incenso, presas de elefante, cães de caça, macacos babuínos – [enfim,] coisas preciosas de todo o tipo. Eu pus este carregamento naquele navio. Pus-me então de bruços para agradecer-lhe.

Ele me disse:

“– Eis que atingirás o lar dentro de dois meses. Apertarás nos braços teus filhos, florescerás em teu país e [por fim] serás sepultado”.

Eu desci à praia, perto daquele navio, e chamei a tripulação a bordo do barco. Fiz uma ação de graças na praia ao senhor daquela ilha. Os que estavam no barco fizeram o mesmo.

A nossa expedição navegou corrente abaixo em direção à Residência do soberano. Chegamos à Residência em dois meses, tudo como tinha sido dito por ele. Eu então fui admitido à presença do soberano e presenteei-lhe os produtos que trouxera daquela ilha. Então ele me agradeceu diante do Conselho do país inteiro: eu fui feito Companheiro [Real] e dotado de servos de sua propriedade.

Vê-me [pois], após alcançar o [meu] país depois que vi [tudo aquilo] pelo qual havia passado! Ouve-me, pois, já que ouvir faz bem às pessoas!

Ele então me disse:

- Não banques o sabichão, meu amigo! Quem daria água de madrugada a um ganso que seria morto pela manhã?

[Colofão:] Isto foi do começo ao fim, como foi achado por escrito pelo escriba de dedos hábeis, o filho de Imeny, Imenaa: [possa] ele viver, prosperar e ter saúde.

Referências

- ALMEIDA, C. O conto do naufrago dos antigos egípcios: notas de leitura sobre um estudo português do início do século XX. *Cadmo*, n. 22, p. 247-255, 2011.
- ASSMANN, J. *Maât, l'Égypte pharaonique et l'idée de justice sociale*. Paris: La Maison de Vie, 1999.
- BRANCAGLION JR., A. O conto do naufrago. *Papiro Ermitage 1115. Tiraz*, n. 3, p. 161-191, 2006.
- CANHÃO, T. F. *O conto do naufrago: um olhar sobre o Império Médio egípcio. Análise histórico-filológica*. Lisboa: Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.
- CARDOSO, C. F. Escrita, sistema canônico e literatura do antigo Egito. In: BAKOS, M. M.; POZZER, K. (Org.). *Anais da III Jornada do Antigo Egito*. Porto Alegre: PUC-RS, 1998, p. 95-144.
- MASPERO, G. *Popular stories of ancient Egypt*. New York: Putnam's Sons, 1915.
- PEREIRA, F. M. E. O Naufrago. Conto Egípcio. *O Instituto*, n. 48, p. 72-143, 1901.